



A interação como ponto de partida aos estudos comunicacionais¹

Talita Rampazzo Diniz²

Co-autores:

Eduardo Duarte

Mariana Nepomuceno

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Centro de Artes e Comunicação, departamento de Comunicação Social.

Resumo

O artigo mostra como o conceito da interação é utilizado pelos autores nacionais para fundamentar o estabelecimento ou não da comunicação. No entanto, as visões trabalhadas por eles variam da simples troca de informações na mediação de conversas entre sujeitos interlocutores até a midiaticização com a participação direta da mídia como espelho da sociedade. Os estudos em comunicação devem acompanhar as mudanças tecnológicas se quiserem observar as novas potencialidades interativas. O conceito de afetação do filósofo Espinosa pode servir para lançar um outro olhar para interação com a participação de sujeitos e a transformação deles, quando há, de fato, comunicação.

Palavras-chave

Interação; comunicação; estudo.

Introdução

O que é comunicação? A busca por respostas a essa pergunta será o objetivo desse artigo. Não é uma questão simples, nem tampouco nova. É um questionamento sobre o qual têm-se poucas certezas. É um assunto tratado, assim como grande parte das especulações humanas em torno de si mesmo e da vida social, desde os gregos, mas que teve seu significado alterado com o decorrer histórico. Somente na atualidade, com a tendência moderna em dividir as ciências, acreditando que essa seria uma maneira de desenvolver o pensamento, são apresentadas diversas correntes para se entender a comunicação. Por aqui, haverá a tentativa de compreender algumas delas para compor

¹ Trabalho apresentado ao Intercom Júnior, no XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom);

² Estudante do oitavo período da graduação em jornalismo. Bolsista de Iniciação Científica do CNPq nas áreas de ergo-lingüística e epistemologia da comunicação. E-mail: talitarampazzo@yahoo.com.br



uma proposta que mais se enquadre àquilo que é vivenciado na prática com o avanço tecnológico.

Os resultados apresentados foram obtidos em dois anos de pesquisa de Iniciação Científica, desenvolvida no departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Pernambuco. Nesse período, foi investigada a visão dos autores brasileiros sobre comunicação com análise de artigos brasileiros que fizeram parte do Grupo de Trabalho Epistemologia da Comunicação da Compós – Associação Nacional das Pós-graduações - nos anos de 2002, 2003, 2004 e 2005 – e realizadas leituras de livros e artigos de revistas eletrônicas de programas de pós-graduação sobre a mesma temática.

A necessidade de formação de uma base de estudos para a epistemologia da comunicação é bastante recente. Essa área sofre um processo de disciplinarização do conhecimento. Apesar de alguns pesquisadores considerarem existir perdas quando há tentativa de circunscrever o que faria parte da comunicação, o conhecimento científico possui cada vez mais ramificações derivadas do tronco comum do conhecer.

Na tentativa de delimitar o que faria parte ou não da comunicação, os autores brasileiros partem da origem do próprio vocábulo e da epistemologia para, a partir destes, desenvolver proposições. O conceito varia de acordo com perspectivas distintas. A pluralidade é, talvez, o ponto comum. A possibilidade de enquadrar a comunicação em várias, infinitas, indeterminadas variáveis possíveis produz visões, por vezes, ligadas ao compartilhamento de sentidos entre sujeito interlocutores (mais sociológico); a mediação entre mercado e sociedade e as implicações culturais e políticas que essa relação engendra (numa leitura ligada à antropologia e às Ciências Políticas); e, até mesmo, o compartilhamento de um mesmo objeto de consciências, onde a comunicação resultaria no encontro o “eu” e o “outro” na perspectiva de tornar alguma coisa comum.

O recorte deste artigo será centrado na questão da interação: o que é e como aparece nos dois atuais. Tal opção não é inédita, visto que muitos autores consideram a interação entre sujeitos interlocutores falantes ou entre um meio de comunicação de massa e a sociedade o fator primordial para a comunicação ser estabelecida. Por outro lado, não podemos desconsiderar a existência de vozes em defesa da interação entre as células ou mesmo entre computadores. Reflexões sobre como a realidade atual impõe novos mecanismos para a interação também será a preocupação desse estudo. Abordaremos como a técnica tem causado adequações aos mecanismos de interação e por onde seguem os estudos em comunicação no meio de tudo isso.



A interação: chave para a comunicação

Desde que o homem tomou consciência de si e dos outros, estabelece relações de mediação. Uma das condições da vida social é a potencialidade de gerar canais de pertencimento. Crenças religiosas e filiação partidária são apenas dois exemplos de sistemas de participação. Cada um tem o poder de ditar padrões de comportamentos e formas de se fazer pensar, estabelecer vínculos e criar necessidades de pertencimento a um grupo.

Quando pensamos em comunicação, invariavelmente, nos vem à cabeça a idéia de saber alguma coisa. Porém, saber alguma coisa com a conotação de estar informado não significa haver comunicação. Uma informação pode ser adquirida com a simples leitura de um jornal, através da decodificação de códigos presentes na linguagem de um povo. A comunicação não. Ela é mais que isso. Mas também faz parte disso. Para alguns autores, a exemplo do estudioso Gabriel Cohn³, a comunicação só ocorre com a formação de sentidos em um fluxo disposto em rede. Metaforicamente, poderíamos dizer que comunicação seria constituída por uma série de relações. Elementos como cultura, repertório, opiniões subjetivas, comporiam uma espécie de teia de aranha sem um ter mais ou menos peso para a comunicação.

O problema reside em definir em que consiste o fenômeno comunicativo. A disposição das ruas de uma cidade pode ajudar um estrangeiro a descobrir em qual país ele está. A coloração do céu e o formato das nuvens auxiliam um agricultor para saber se a sua plantação será ou não atingida por uma tempestade. Uma formiga percebe quando está próxima de um bom alimento para nutrir o fungo que lhe dá sustança. Mas será que podemos falar em sentido construído por meio de um fenômeno comunicativo? Para esclarecer, fenômeno comunicativo coloca a comunicação, enquanto fundamento do homem e, em certa medida, pertencente a ele para a construção do espaço social aparado pelos instrumentos técnicos. Nesse sentido, nos exemplos acima haveria trocas de saberes, mas não exatamente comunicação.

Uma das hipóteses mais defendidas pelos estudiosos é, como já abordamos, apontar a interação como elemento central para a comunicação ser estabelecida. Para o pesquisador Luiz C. Martino⁴:

³ Ver Campo da comunicação: caracterização, problematizações e perspectivas. João Pessoa: Editora Universitária, 2001.

⁴ Ver Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências. Petrópolis: Vozes, 2002.



“A comunicação designa um processo bem delimitado no tempo, mas ela não se confunde com a convivialidade. É um tipo de relação intencional exercida sobre outrem. Em sua acepção mais fundamental, o termo ‘comunicação’ refere-se ao processo de compartilhar um mesmo objeto de consciência, ele exprime a relação entre consciências” (Martino, 2002:14)

Sem a aproximação não haveria como comungar algo que seja comum. No entanto, a interação que acontece entre as pessoas não ocorre necessariamente através da linguagem oral, mas com trocas de outras significações como gestos, entonação de voz, riso e silêncio. Em todos os trabalhos analisados, ao todo 37 artigos e quatro livros, verificamos a predominância de a comunicação ter sempre um homem em relação a um outro alguém ou alguma coisa. Nunca um objeto, como o computador, em relação a um equipamento semelhante. Mesmo nas tendências universalistas que colocam a comunicação como fonte e resultado de todas as coisas temos sempre a comunicação partindo de um sujeito humano. A denominação de “comunicação social” para a área de estudos e não única e somente comunicação indica a partir de quais princípios o pensamento foi sendo organizado. A opção em analisar aspectos que tocam o social, contudo, não significa a exclusão de estudos com objetos descentrados no homem. É uma questão de interesse.

Ao se considerar como prioridade as dinâmicas sociais, não deveria ser refutada a possibilidade de análise da comunicação em outras dimensões. O argumento em favor dessa tese é o fato de que poucas são as tentativas de se debruçar sobre outras formas de comunicação. Não estamos falando de comunicações em terceiro grau com extraterrestres ou entre espíritos, mas defendendo outras maneiras de enxergar a comunicação. Por que os animais, por exemplo, não poderiam se comunicar? Recentemente, foi divulgada uma pesquisa feita com golfinhos dissertando sobre a linguagem desses mamíferos. Com base no que foi mostrado, poderíamos acreditar que eles possuem uma linguagem própria, uma cognição suficiente para identificar quando os sons emitidos pelos seus pares estão se referindo a eles ou não, como se carregassem uma identidade através de nomes próprios. O que os comunicólogos têm a dizer sobre isso? Certamente nada ou muito pouco. Não defendemos aqui uma visão de comunicação extensível a todos os seres vivos. A informação serve apenas para alertar quais as tendências que estamos escolhendo para nossos estudos. A primeira delas foi se concentrar em análises da espécie humana. Não devemos esquecer o que estamos deixando de lado em favor disso.

Interação (i)limitada

Em artigo, os autores Luiz Signates e Weber Lima⁵ sustentam uma perspectiva interessante para defender a comunicação e como ela é empreendida. Na visão dos dois, a comunicação seria estabelecida de acordo com um processo identitário-diferencial. Explica-se. Em uma dinâmica de alteridade e identidade, em que o sujeito deve se reconhecer no outro para fazer parte dele. Quando não há esse reconhecimento, não há a possibilidade de complementação, não há comunicação. Para exemplificar o conceito, eles utilizam a mudança aleatória dos canais de televisão sem se fixar em nenhum, mania popularmente conhecida como *zapping*, para mostrar que nesse movimento a comunicação não se configura por absoluta falta de tempo de os telespectadores se identificarem com o conteúdo dos programas. É claro, entretanto, que o mecanismo de tudo isso não é simples. As restrições para a aplicação dessa teoria são impostas com limites para o processo identitário-diferencial, são os chamados “pontos de fuga” que não seguem nenhuma explicação racional.

A questão da interação, dessa forma, é compreendida como uma espécie de fase elementar para o estabelecimento da comunicação. A partir da interação surgiria o compartilhamento de sentidos, um eu que fala com um outro para dividir experiências e decodificar informações. Como não há medidas de aferição para verificar o que ocorre antes, durante e depois desse processo, as divisões dos estudiosos para mostrar o que acontece no momento em que a comunicação se estabelece parecem reduzidas a um certo estruturalismo. Por outro lado, qualquer meio de aferição também seria restritivo. Sem entrar na crítica do pensamento redutor, a visão apresentada avança ao colocar o subjetivismo como o eixo central para a comunicação. Os “pontos de fuga” servem para demonstrar esse descontrole. No caso da televisão, programas que seguem fórmulas de sucesso nem sempre são bem sucedidos. Outros, justamente por inovarem, atingem recordes de audiência. Acreditar no processo de interação, através da identificação, é uma resposta possível para a comunicação. A maior dúvida reside em como e quando há identificação.

Essa resposta se tornará ainda mais difícil, enquanto todos os olhares da comunicação continuarem a ser, fundamentalmente, voltados à cultura de massa. As preocupações de

⁵ Signates, L. e Lima, W. Racionalidade a método: a especificidade identitário-diferencial da comunicação. Rastros. Joinville: ano 2, dezembro, 2000.



produtores de programas televisivos ou de qualquer outro veículo de massa tenderão a aumentar na medida em que os índices de audiência sejam detalhados e apresentem mais “falhas da comunicação”. O mesmo sentimento poderá ser compartilhado por estudiosos de comunicação ao se verem com dificuldades para analisar produtos massivos.

A sociedade já não se comporta da mesma forma como no final da segunda guerra mundial quando os estudos da comunicação foram iniciados. Retomando o aspecto da nomeação da disciplina, comunicação social parece não dar conta do que começamos a observar hoje. Seria mais apropriado dizer comunicação de público na compreensão de que as interações tendem a não acontecerem mais para a massa, mas para um público específico. Seleção de canais, horários de programas, ângulos para um filme são algumas das opções que estão sendo divulgadas como o próximo passo da televisão no modelo digital. Além das possibilidades desse veículo, existem os dispositivos de mensagens de celulares e, no caso do computador, chats, blogs, lista de discussões, entre outros, que permitam a interação entre pessoas, utilizando para isso um aparato técnico. Outro posicionamento que acaba diminuindo as potencialidades da comunicação é colocar a língua como único agente da interação ou, pelo menos, o principal. Para *Ciro Marcondes Filho* a linguagem possui uma complexidade muito maior que a lingüística, ramo da ciência que a estuda, pode abarcar. Referindo-se ao filósofo *Merleau Ponty*, ele concorda que a língua, acima de ser um meio ou instrumento, “é uma manifestação, uma revelação do ser íntimo e da ligação psíquica que nos une ao mundo e aos nossos semelhantes” (*Marcondes Filho*, 2004: 72). A linguagem não é somente palavras, mas o que conecta o homem ao mundo, tornando-o vivo e ativo. Ele ainda vai mais longe ao considerar que a fala e a escrita camuflam os verdadeiros sentimentos que permitem o contato entre os homens. Assim, a língua estruturada ao invés de permitir maior aproximação seria desvinculante, neutra, uma “acomunicação”.

Na visão apresentada por *Marcondes Filho* seria possível a criação de uma terceira voz, o nós, quando a interação e, portanto, a comunicação fosse formada a partir de um eu que fala com um tu. Ao defender tal tese o autor somente considera possível a comunicação de pessoas que estejam conversando pessoalmente, olho no olho, o que nos deixa recair na mesma crítica que ele faz aos defensores de lingüística. Concordamos com ele que, uma vez estabelecida a comunicação, os agentes envolvidos na dinâmica modificam-se em algum sentido, porém dizer que atingem a mesma frequência, sentem a mesma emoção, coloca em xeque a diversidade interpretativa



própria do sujeito. Para a interação não há necessidade dos envolvidos se constituírem em um só, mas de compartilharem algo.

Uma nova realidade midiaticizada?

Pensar na interação como fenômeno básico para a comunicação não traz muitas surpresas, afinal, antes do avanço técnico, antes do surgimento do conceito de indústria cultural, os mecanismos para trocas de informações e conhecimento de pessoas existiam. Faz parte da condição humana. Hoje, observamos dia-a-dia o avanço tecnológico visando maior e melhor comunicação. Ao mesmo em que a população se apropria dos instrumentos criados, vemos poucas vozes da academia refletindo sobre essa nova fase social. Estamos passando por um momento único. Somente agora as coisas parecem se configurar, passada a fase de alardeios negativistas a respeito da face diabólica da mídia com seu poder de transformar o homem, colocando-o em um espaço uniformizado, massificado.

A mídia não deve ser mais vista como algo de fora detentora de poder alienante. Ela é, agora, uma nova categoria que pertence ao homem e que ajuda a construí-lo. Não há mais caminho de volta para as sociedades anteriores. A questão não é quantificar como veículos como rádio, televisão e Internet, só para ficar nos mais cotidianos, influenciam a vida das pessoas. O ponto é saber como essa influência se coisifica na vida real ou, quem sabe, na vida virtual.

O conceito de *biosmidiático* do autor Muniz Sodré coloca a necessidade de um novo pensamento para os estudos em comunicação. Ele defende a vida social, intermediada pela mídia, como eixo fundamental para avaliarmos como a sociedade se comporta. Estaríamos em espaço público virtual que “encena uma nova moralidade objetiva” (Sodré, 2002: 51). E como tal, adquiriu enorme importância para a vida. Para Sodré, nos dias de hoje, a esfera midiática poderia ser acrescida como uma nova realidade para homem se sentir completo. Não uma completude estável que possui o controle de tudo, ao contrário, uma completude que inclui também o maleável, o instável, o recortado. A referência do conceito vem dos três modos particulares de vida social identificados por Aristóteles como necessários ao homem: *bios theoretikos* (vida contemplativa), *bios apolaustikos* (vida prazerosa) e *bios politikos* (vida política).



“Trata-se efetivamente de um modo sistêmico de integração social caracterizado, do ponto de vista da reciprocidade das práticas, por atores e grupos sociais fisicamente ausentes no tempo e no espaço. Nele, o homem e objeto são concebidos como feixes de relações (...) institucionalmente habilitados por uma presença sistêmica ou espectral, uma sombra” (SODRÉ, 2002: 163)

A proposta dele ao mesmo tempo em que identifica uma corrente, seguida também por estudiosos ditos pós-modernos, pensa quais são efeitos dessa condição. Apesar disso, o autor traz uma visão que retoma o passado dos estudos na área quando a comunicação era vista como possibilidade para controlar povos, mentes e idéias. Segundo Sodré, as tendências midiáticas decorrem da expansão do ideal do capitalismo americano, organizando as culturas em torno da indústria cultural. Isso pode até ter a sua importância, porém uma estrutura de manipulação não pode ser lançada sem antes serem compreendidas as especificidades que essa idéia impõe em nível global. Em cada país, por diversos fatores, a apropriação da tecnologia informacional acontece com diferentes nuances. Certas ferramentas são apropriadas de muitas maneiras em cada lugar. Uma vez apropriada, não há possibilidade de retorno. Jogar a culpa das más influências para o capitalismo pode ter servido para explicar a realidade vivida há cinquenta anos, mas nos dias de hoje é insuficiente.

O próprio Sodré afirma que a contemporaneidade é marcada por um novo ethos capaz de transformar a vida das pessoas. Os valores de sociedade foram modificados e se auto-transformaram com a mídia. É ela quem dita atitudes, comportamentos, responsável por criar e recriar modismos, funcionando como um verdadeiro espelho. Um novo traço de exagero pode ser observado quando ele define que o *biosmidiático*, um dispositivo emergente da técnica e redefinido pela informação, funciona em um regime imposto pela lei do capital empenhada como uma nova forma de domínio da hegemonia ético e política. Extremista, o autor coloca para a mídia a responsabilidade de controle da sociedade, antes colocada para os Estados e religiões, por exemplo. Sem discordar dele, podemos levantar o questionamento de que a condição não é fruto de uma força maior, mas senão do próprio homem. Claro que a técnica facilita a campanha de um candidato à eleição. Entretanto, despejar para a mídia a responsabilidade de elegê-lo ou não pode ser exagero. Um bom caminho para se refletir sobre esse tema é oferecido por Vera Veiga França ⁶:

⁶ FRANÇA, V. V. Paradigmas da comunicação: conhecer o quê? Ciberlegenda, Niterói, n. 5, 2004.



“A especificidade do olhar da comunicação é alcançar a interseção de três dinâmicas básicas: o quadro relacional (relação dos interlocutores); a produção de sentidos (as práticas discursivas); e situação sócio-cultural (o contexto)” (França, 2004)

Sem esses três componentes não poderíamos compor a comunicação. A dúvida que nos resta é se há outros elementos envolvidos nesses processos. Não podemos afirmar outros tipos universais. Os individuais existem, pois cada tipo de estudo exige variáveis distintas para melhor enxergar o objeto e responder às perguntas que são lançadas. Dada a enorme gama de possibilidades do que a comunicação pode estudar, palavras como interdisciplinaridade e transdisciplinaridade são utilizadas recorrentemente para definir como deve ser realizada a troca de conhecimentos entre disciplinas. Sem aprofundar essa discussão, as respostas do que é mais correto de ser usado depende estritamente da visão de comunicação.

Nova visão para a comunicação

Na análise dos textos, verificamos três tendências para a comunicação, enquanto objeto científico: 1) Restrita a somente objetos midiáticos; 2) Abarcaria objetos midiáticos, mas também outras possibilidades de comunicação, estando, no entanto, cada um em uma categoria distinta de estudos; e 3) Estenderia-se a todo o universo, com a comunicação se fazendo presente desde a vida celular, com as trocas existentes entre as estruturas organizativas até a objetos midiáticos ou outros meios de comunicação. Em todas elas, a troca, a participação e a formação de sentido são eixos condutores de todo o processo.

Para compreender como cada uma dessas visões é formada e defendida, é interessante avaliarmos como o tecnicismo é incorporado em todas elas. Na primeira opção, a comunicação se faz acontecer por meio da técnica de difusão de informações direcionado para o grande público; na segunda, ela é isso, mas também pode ser entendida com auxílio de aparatos capazes de pensar cada pessoa individualmente ou, mais simples que isso, não precisa de aparatos para ocorrer. O terceiro ponto não pensa somente em pessoas ou veículos técnicos, expande todas as possibilidades para o conhecimento.

A diversidade pode ficar maior se os novos equipamentos eletrônicos puderem conferir diferentes graus de interação. Quem sabe até possamos pensar em níveis ou intensidade comunicativa de acordo com a possibilidade interativa que cada instrumento tiver a capacidade de provocar. Uma mensagem de celular possuiria uma potencialidade



comunicativa menor, por exemplo, do que a de uma conversa entre amigos, mas maior do que a de um filme sem legendas.

Nesses casos, deve ficar nítido que as diferenças de graus não dependeriam do aparato técnico, mas da afetação que eles podem causar. Afetação no sentido proposto pelo filósofo Espinosa⁷ ao refletir sobre as afecções ou afetos:

“Quando eu falo de uma força de existir maior ou menor que antes, não entendo que o espírito compara o estado presente do corpo com o passado, mas que a idéia que constitui a forma do afeto afirma do corpo algo que envolve efetivamente mais ou menos realidade que antes” (Espinosa, 2002:54)

Na comunicação a idéia de afecção relembra o compartilhamento de sentidos. Mas para ocorrer, não precisaria colocar na mesma frequência os interlocutores, sejam eles pessoas ou instrumentos. Eles transformam, em certa medida, a realidade que os sujeitos possuíam antes. Isso não significar promover uma metamorfose na vida das pessoas, apenas considera que, a cada fenômeno comunicativo, os “afetados” não são mais a mesma coisa.

Para o filósofo Martin Heidegger a técnica serve apenas para produzir algo, para facilitar a vida humana. Ela guarda dentro de si o que o homem quer descobrir ou desvendar ou, melhor, o que ele permite enxergar em determinado momento. Descobrimto é o vocábulo que carrega essa idéia. Nele, a técnica não deve ser entendida como somente um fim. A técnica indicaria a essência, uma forma de desenvolvimento, visando a verdade. Como diz o autor, no descobrimto “repousa a possibilidade de toda elaboração produtiva”.

Na comunicação, o descobrimto se daria no desvendar do que move a consciência humana. Se os meios de interação se tornam mais sofisticados, isso pode nos dizer mais do que o aperfeiçoamento de dispositivos elétricos, mecânicos ou digitais. Quem sabe isso mostre como a realidade vai sendo trabalhada e as necessidades comunicativas que estão sendo criadas e também supridas.

Conclusão

Nesse trabalho procuramos mostrar como a comunicação está sendo vista pelos pesquisadores, partindo do conceito utilizado por muitos deles: a interação. Pudemos verificar que, apesar da palavra ser vista de diferentes formas, ela possui sempre a conotação

⁷ Deleuze, Gilles. Espinosa: filosofia prática. São Paulo: Escuta, 2002.



de ser utilizada para o envolvimento do ser humano, nunca dispensando a sua participação, mesmo quando há mediação de instrumentos técnicos, como é o caso dos meios de comunicação de massa.

Um outro ponto observado é que a interação faz parte da vida social e, como tal, cria vínculos e canais de pertencimento. Para a formação desses canais, a linguagem é sempre lembrada. Formas de expressão corporal, facial, entonação de voz, entre outros mecanismos de troca, devem ser também incluídos como potencialidades comunicativas. A maturidade teórica para a área de estudos da comunicação deve incorporar esses fatores, mas ainda expandir as análises sobre os meios de comunicação de massa. A interferência deles na sociedade pode estar fazendo surgir uma nova esfera para o espelhamento das ações humanas.

Com as modificações que estamos passando, a área ainda em construção deve estar pronta para se reconstruir. Se isso não ocorrer, os estudos não acompanharão todas as formas de comunicação que o avanço técnico possibilita a cada dia. É uma questão de opção: ou se modifica a visão de comunicação ou ficaremos fadados a análises distantes da vida real. Um primeiro passo para se modificar isso pode ser dado lançando-se outros olhares ao que é visto como interação. Ao invés de simplesmente repassar informações, ela pode servir para transformar o homem, “afetando-o” a cada momento.

Referências bibliográficas

Cohn, G. Constituição do campo da comunicação. In: Campo da comunicação. João Pessoa: Editora Universitária, 2001. p. 41-49.

Deleuze, G. Espinosa: filosofia prática. São Paulo: Escuta, 2002. p. 55-58.

Heidegger, M. Ensaios e conferências. Petrópolis: Vozes, 2001.

Marcondes Filho, C. Até que ponto, de fato, nos comunicamos? São Paulo: Paulus, 2004.

Martin, L. C. De qual comunicação estamos falando? In: Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências. Petrópolis: Vozes, 2002. p.11-25.

Signates, L. e Lima, W. Racionalidade a método: a especificidade identitário-diferencial da comunicação. Rastros. Joinville: ano 2, dezembro, 2000.

Sodré, M. Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis: Vozes, 2002.